

VILÉM FLUSSER

Alexandre Bonnier: "Cor-de-rosa"

Insólita experiência esta: tentar de-codificar os múltiplos significados da cor "cor-de-rosa", e tentar fazê-lo dialógicamente. E, por cima, fazê-lo no Brasil, aonde a vida não é "en rose", mas aonde é "tudo azul", (pelo menos na superfície visível). Eis a estrutura da experiência que será exposta e proposta na próxima Bienal de São Paulo: Objetos e superfícies cor-de-rosa serão apresentados ao público para sugerir vários significados da cor em vários contextos. O público será motivado de várias maneiras para interpretar a mensagem, e para contribuir por sua vez de ampliá-la e aprofundá-la. O método é para-fenomenológico, já que procura dar distância do fenómeno da cor e assim possibilitar que apareça fora do contexto quotidiano, (no qual está encoberto pelo costume e pelo corriqueiro). Mas não se trata de método fenomenológico no sentido estrito do termo, já que a distância proporcionada não é a contemplativa, mas a da ironia. E, dada a estrutura dialógica da apresentação, (a exposição faz parte da seção "Comunicação" da Bienal), o resultado não será o "desvelamento" do cor-de-rosa, mas a discussão pública da ambiguidade e multivalência da mensagem escondida por trás dos objetos cor-de-rosa. Experiência, creio, é inédita e pode ter resultados surpreendentes.

Não resta dúvida: vivemos em mundo codificado. Tudo que nos cerca esconde "mensagem", representa algo. O valor simbólico dos objetos corriqueiros em cujo ambiente estamos mergulhados nos condiciona tanto quanto nos condicionam os objetos mesmos. Tal valor simbólico foi parcialmente posto nos objetos deliberadamente, afim de condicionar-nos a fazer determinados movimentos, e parcialmente é resultado de convênios culturais inconscientes e imemoriais, aos quais estão submissos tanto os produtores quanto os consumidores de tais objetos. De modo que estamos sendo manipulados pelos significados dos objetos que nos cercam, tanto em função de propósitos conscientes, quanto em função da cultura da qual participamos. Decodificar o ambiente, levar para a consciência clara o valor simbólico dos objetos, é pois tarefa que visa desideologizar-nos e libertar-nos de um aspecto sorrrateiro do nosso condicionamento.

Tal tarefa é excessivamente complexa, se visarmos tomar o ambiente tódo como ódigo e passar a decifrá-lo. Mas se restringirmos a tarefa a um único símbolo, (por exemplo: à cor "cor-de-rosa"), a tarefa passa a ser viável. A cor assim escolhida poderá, ao desfraldar os seus vários significados, servir de exemplo e de chave para a decodificação do ambiente tódo. Poderá estabelecer-se em alavanca poderosa para levantar o condicionamento simbólico da circunstância tóda. A um tal empenho Bonnier está dedicado. Merece a atenção e colaboração do público brasileiro.